



A anomalia



Gaiolas e asas

Alecsandra Matias de Oliveira

A situação do ensino brasileiro é pauta para discussões que atingem diferentes esferas da vida. Há décadas, o modelo de ensino tecnocrata, pensado pelas elites e regulamentado pelo Estado, tem sucateado e desqualificado a instituição “escola pública”. Mas, para além das políticas públicas e educacionais ou adoção de práticas pedagógicas, a escola tem sido o lugar de vivências inestimáveis, onde alunos e professores adquirem valores, (res)sentimentos e memórias. E esse cotidiano rico em experiências, muitas vezes, torna-se tema para obras de arte modernas e contemporâneas. São trabalhos que expõem afetos, trazem histórias, questionam saberes, desfazem representações e, de algum modo, resgatam “o tempo da escola”.

Distinto pelo ensino da arte nas academias e pelas experiências da arte-educação – o “dueto arte-escola” não é visto aqui por nenhum desses vieses. No fundo, as obras discutidas são notas da subjetividade

vivida na escola; revelam as escolas “gaiolas”, ou aquelas que dão “asas”. Ou, ainda, essas obras tornam-se as próprias “asas”, quando ressignificam uma das instituições que mais influem na construção do indivíduo e, simultaneamente, no coletivo. Assim sendo, incutem-se aqui algumas obras atuais que discutem a escola como tema.

Como recuo no nosso percurso, têm-se as obras *A estudante russa*, 1915, pertencente ao IEB/USP, e *A estudante*, 1915-1916, que compõe o acervo do Masp, ambas de Anita Malfatti. Em *A estudante*, a concepção estética acrescenta à pesquisa expressionista

“Há escolas que são gaiolas e outras escolas são asas.” O título deste artigo foi inspirado pela frase de Rubem Alves, in *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (Campinas, Papirus, 2001).

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

é professora do Celacc (ECA/USP), pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes e autora de *Schenberg: crítica e criação* (Edusp, 2011).



Anita Malfatti, *A estudante russa*, 1915, IEB/USP

Reprodução



Anita Malfatti, *A estudante*, 1916, Masp

aspectos das linguagens cubista e futurista – um exercício semelhante ao realizado em *A boba*, 1915-1916, que pertence ao MAC/USP. Os dois trabalhos são construídos a partir da cor e os recursos estéticos empregados pela pintora são inovadores à época. Mas é o assunto das telas que se torna, neste momento, ponto de reflexão.

Seus condicionantes históricos merecem destaque. Durante os anos 1910, a educação não é para todos. Até aquele momento, apenas os filhos das classes abastadas têm acesso à formação intelectual. As primeiras letras são ministradas em casa ou em escolas com regime interno. Já os estudos mais aprofundados (aqueles de formação mais sólida e especializada) só são oferecidos por estabelecimentos de ensino no exterior. As famílias mais tradicionais mandam seus filhos para Paris – considerada o centro da cultura europeia.

Assim, os retratos das estudantes representam moças da elite que têm a possibilidade da aquisição de ensino formal – algo que não é atribuído a todos e, muito menos, às mulheres, vistas como subalternas. As obras também podem ser referências à própria Anita Malfatti. Leve-se em conta que, entre os anos de 1915 e 1916 (período da criação das obras), a pintora não é mais do que uma estudante em terras estrangeiras – a autorreferência pode ser um atributo das telas.

De sorte, as estudantes de Malfatti estão distantes da serigrafia de Antonio Manuel, *Movimento estudantil 68 A*, 1968, assim como as condições do acesso à instrução no país. Passada a organização do ensino nos anos getulistas, a criação do Ministério da Educação e a opção por cursos profissionalizantes voltados às camadas mais pobres da população, é somente após o governo varguista que

a educação surge na Constituição como “um direito de todos”. Circunstâncias nas quais se manifesta a figura do estudante preocupado com demandas sociais. O engajamento político nos anos de 1960 e 1970 passa pelas agremiações estudantis e, assim, cruza história e visualidade nesta serigrafia, produzida na agitação do movimento estudantil, exibida no Salão Paranaense, nos primeiros dias de vigência do Ato Institucional n. 5.

Um salto à contemporaneidade, com raízes nas décadas de 1970 e 1980, é feito pela instalação *Educação para adultos*, 2010, de Jonathas Andrade. Daqui saímos do retrato do estudante para os processos educacionais. São 60 cartazes, com texto e imagem – material didático usado a partir do método de Paulo Freire, que a mãe do artista, professora aposentada em 2006, em Alagoas, lhe deixa como legado. A partir desses cartazes, Andrade se reúne diariamente com seis mulheres analfabetas e aplica o método de associações entre fotos e palavras durante um mês. Dos encontros, a ativação da arte: as conversas inspiram novos cartazes que retornam à discussão com as mulheres. *Educação para adultos*, acima de tudo, é um trabalho que discute a alfabetização tardia – questão social ainda não superada pelo ensino brasileiro.

O inquérito sobre as práticas do ensino tradicional está em *Anomalias pedagógicas*, 2012, de Wagner Leite Viana – pinturas originárias de uma série fotográfica feita no ambiente da escola. No embate diário, o artista-educador registra o início e o final da aula e questiona a construção do espaço da sala de aula e suas formas de ocupação. O ponto central está na clássica disposição das cadeiras em fileiras ordenadas em relação à lousa e ao professor. Na configuração

Reprodução



Antonio Manuel, *Movimento estudantil 68 A*, 1968

luta parte de uma noção: é possível construir a “escola cidadã” a partir de um pleno conhecimento da escola que existe hoje e da realidade na qual ela se encontra (uma espécie de etnografia). Nesse mapeamento, torna-se relevante observar que a escola como espelho de uma “cultura oficial” pode ser de inclusão ou de exclusão. Por muito tempo, a ideia falsa de meritocracia subjugava a juventude negra e mestiça à discriminação, sendo o sistema escolar um dos mecanismos mais potentes para essa exclusão. O que nos leva para as obras de Flávio Cerqueira, que evocam narrativas históricas, biográficas e ficcionais – e que discutem o duplo papel da escola (exclusão/remissão).

Na escultura *Foi assim que me ensinaram*, 2011, Cerqueira revela a educação que humilha. Num canto, o dito “aluno indisciplinado” está de castigo sentado nos livros que deveriam ser sua redenção, mas são a base para o seu castigo. Em *Eu te disse...*, 2016, o corpo da criança é sepultado pelos livros e pela quantidade de informações. Nas duas peças, o artista rememora a opressão do sistema educacional. Já em *Uma palavra que não seja esperar*, 2018, a menina negra traz seus livros na cabeça tal como suas ancestrais levavam quitutes e trouxas de roupas. Em *Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim*, 2015, da cabeça do menino de bronze brotam plantas que se entrelaçam e se lançam ao espaço que envolve a obra. Essa peça reverencia a tela *Eu vi o mundo... ele começava no Recife*, 1928, do modernista Cícero Dias – obra polêmica por seus nus provocativos e por sua atmosfera onírica. À época, os sonhos são vistos como manifestações legítimas do inconsciente. A obra de Dias corresponde de modo imediato a essas expectativas. Porém, o menino de

bronze tem seus sonhos que germinam e se tornam de difícil contenção.

A partir da série *Reprovados*, 2018, Maxwell Alexandre reflete sobre questões raciais, pertencimento e distinção social. Nos seus trabalhos, está o retrato do cotidiano de opressões interseccionais vivenciadas por crianças negras e, muitas vezes, a escola pública aparece como instituição estatal que oprime e silencia. Nas telas, estão crianças trajando uniformes da rede de ensino municipal carioca, vistos pelo artista como “ícones da periferia”. Na série *Pardo é papel*, 2019, Alexandre usa o papel pardo como estratégia de empoderamento da negritude. A série é uma tentativa de reescrever a costumeira narrativa de exclusão. O artista traz corpos negros como protagonistas. Eles são professores, advogados, juizes e médicos. Retrata o negro em espaços de poder, autoestima e vitória.

De fato, nossa preleção de obras-avas desperta memórias e denuncia aspectos inerentes à instituição “escola”. A escola, pensada e sentida como paradigma de obtenção da igualdade social, esconde várias facetas. Esconde um abismo entre a realidade dos alunos e o conteúdo oferecido; entre o saber socialmente produzido e o oficialmente aceito; entre a estrutura escolar e o cotidiano do aluno bombardeado por informações exteriores à escola; enfim, vários conflitos que o Estado traduz como desqualificação, evasão e má qualidade do ensino. Neste texto, as obras de arte que tomam a escola como tema, que evocam memórias e (res)sentimentos, indicam a necessidade de que a escola reconheça seu contexto e, acima de tudo, que inicie um processo de renovação, deixando de ser uma escola burocrática – uma gaiola – para se tornar uma escola que dá asas.

Fernando Piraça



Flávio Cerqueira, *Foi assim que me ensinaram*, 2011, MAC/USP



Flávio Cerqueira, *Eu te disse...*, 2016



Flávio Cerqueira, *Uma palavra que não seja esperar*, 2018



Flávio Cerqueira, *Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim*, 2015



Maxwell Alexandre, *Merenda*, série *Reprovados*, 2018



Maxwell Alexandre, *Éramos cinza e agora somos o fogo*, série *Pardo é papel*, 2018, Masp